



## 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Sexualidades.

Sub-eixo: Ênfase em Gênero.

### 100% FEMINISTA: A LUTA DAS MULHERES E O FEMINISMO MATERIALISTA

Ana Paula Cruz Penante Nunes<sup>1</sup>  
Fernanda Felisberto Bueno<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo propõe uma reflexão teórica acerca do feminismo materialista e dos desafios colocados aos movimentos feministas na contemporaneidade, tendo em conta o avanço do ultraconservadorismo e os ataques aos direitos das mulheres. Em tempos de rompimento com princípios democráticos e tentativa de invisibilização da opressão de gênero, as mulheres são chamadas à luta por seus direitos.

**Palavras-chave:** Feminismo Materialista; Relações Sociais de Sexo; Patriarcado.

**Abstract:** This article proposes a theoretical reflection on feminist materialism and the challenge posed to contemporary feminist movements, taking in to account the progress of the ultra conservative and the attacks on the rights of women. In times of break with democratic principles and attempts to make gender oppression invisible, women are called to fight for their rights.

**Keywords:** Feminism Materialist; Social Sex Relationships; Patriarchy.

### INTRODUÇÃO: UM SALVE ÀS COMPANHEIRAS!

O feminismo apresenta-se como uma arena de disputa política plural, orientada por diferentes correntes teóricas e materializada em campos de militância diversos, de forma que o grande consenso que unifica a luta feminista é a reivindicação por direitos iguais entre homens e mulheres e o reconhecimento de que esta luta é contra-hegemônica. Neste artigo, parte-se do entendimento de que as opressões de gênero/sexo, raça/etnia e classes relacionam-se em um sistema social de simbiose<sup>3</sup>, situado no marco histórico da sociedade capitalista. Portanto, a reflexão proposta considera a indissociabilidade entre a reprodução do modo de produção capitalista, o patriarcado e o racismo<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal de Goiás. E-mail: <anapenante@gmail.com>.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação. Universidade Federal de Goiás. E-mail: <anapenante@gmail.com>.

<sup>3</sup>A partir da perspectiva dialética, afirma-se que necessariamente a ideologia de supremacia masculina exige a ideologia da subordinação feminina. Saffioti (1987) nomeia essa relação contraditória e complementar como relação de dominação-exploração, concretizada na ordem capitalista que associa o racismo, o machismo e o classismo em uma relação simbiótica.

<sup>4</sup>Faz-se necessário enfatizar a importância do reconhecimento do processo de exploração e opressão das mulheres negras, inclusive no que tange à legitimação de suas demandas dentro do movimento feminista. Neste artigo, não pretende-se aprofundar a reflexão sobre as relações

A palavra de ordem “100% feminista” faz referência à música da artista Karol Conká, que entre outras mulheres do cenário musical brasileiro<sup>5</sup>, tem problematizado em suas letras e performances a necessidade de pautar a agenda política feminista no campo subjetivo da produção cultural. Assim, o *hit* que tornou-se popular nas festas juvenis consegue alcançar um público periférico e democratizar a reflexão acerca da desigualdade social enfrentada pelas mulheres brasileiras cotidianamente, especialmente as mulheres pobres e negras. Fica aqui um manifesto de valorização da música brasileira feminista e da arte como instrumento de luta social!

O artigo é estruturado de forma a mostrar os desafios enfrentados pelos movimentos feministas brasileiro. Dessa forma, a discussão teórica parte das contradições colocadas na construção do conceito de gênero consubstanciado com a escolha pela utilização do conceito de relações sociais, visto que o uso do primeiro é privado da apreensão existente da hierarquia entre os sexos e das desigualdades entre classes, raça/etnia e outras desigualdades estruturantes. A partir destas inquietações, faz uma explanação do porque o movimento feminista tem sido fortemente desqualificado pela extrema direita, de forma que tornou-se alvo direto destes governos.

## **GÊNERO E RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO: HISTORICIDADE E CRÍTICA**

A categoria sociológica “gênero” tornou-se objeto de estudos científicos, de disputas políticas e de polêmicas religiosas em nossa atualidade. Mas afinal, o que é gênero? Segundo Lima (2018), o termo gênero foi criado pelo psiquiatra e psicanalista Robert Stoller, em 1968, durante uma pesquisa com crianças que apresentavam alterações em seus genitais externos. Ao observar que estas crianças agiam de acordo com os padrões comportamentais associados ao sexo pelos quais foram educadas, o pesquisador atribuiu uma diferença entre o aspecto anatômico e fisiológico do ser humano e o significado social desta anatomia. Assim, surge o conceito de gênero, como o significado que as sociedades atribuem ao sexo.

O debate em torno da categoria gênero ganha evidência no século XX, ao ser retomado pelos movimentos feministas com o intuito a desnaturalizar as desigualdades entre mulheres e homens, rejeitando o determinismo biológico. As mulheres buscam desconstruir a noção trazida pelo senso comum de “natureza feminina”, fortemente

---

raciais, que é indispensável ao movimento feminista, mas cabe a nota sobre a imprescindibilidade do debate acerca da condição específica das mulheres negras.

<sup>5</sup>Destacam-se atualmente artistas e grupos musicais, como: Elza Soares, Luedji Luna, Flaira Ferro, Ana Cañas, Marina Peralta, Flora Matos, Bia Ferreira, Banda Mulamba, Letrux, Banda Ekena, etc.

sustentada pela adjetivação da mulher como ícone de fragilidade, ideia que por si só justificaria a defesa de que o feminino é naturalmente inferior ao masculino. Saffiotti (1987), afirma que a inferioridade feminina é construída exclusivamente por um processo social, visto que a supressão das ações das mulheres na memória histórico-cultural torna-se o caminho mais fácil de afirmar a superioridade masculina, a partir das máximas de que os homens são mais fortes e mais inteligentes, mesmo que nenhuma destas afirmações sejam comprovadas cientificamente.

Assim, a efervescência da utilização do conceito de gênero se dá, especialmente, pelos diálogos e pesquisas promovidos por feministas acadêmicas (Cisne, 2012), que fortaleceram e reafirmaram sua força política e intelectual, rompendo com a invisibilização histórica das mulheres pelas ciências. Ainda que o ambiente acadêmico e o direito à educação tenham sido negados às mulheres durante séculos, as estudiosas se apropriaram deste espaço e fizeram com que as reivindicações feministas conseguissem ecoar na agenda pública. Segundo Piscitelli (2002, p. 16):

As hipóteses explicativas sobre as origens da opressão feminina foram sendo gradualmente questionadas e abandonadas na busca de ferramentas conceituais mais apropriadas para desnaturalizar essa opressão. Esse quadro de efervescência intelectual é o contexto o qual se desenvolve o conceito de gênero.

Reiterando, o conceito de gênero foi instituído mundialmente com o desígnio de desnaturalizar a opressão sofrida por mulheres. Mas, ainda que imbuído de uma força contra-hegemônica e ousada à sua época, segundo Safiotti (2004, p. 138) gênero “é um conceito [...] palatável, porque é excessivamente geral, a-histórico, apolítico e pretensamente neutro. Exatamente em função de sua generalidade excessiva, apresenta grande grau de extensão, mas baixo nível de compreensão”. Cisne (2014) complementa que trata-se de um conceito limitado a uma compreensão do feminismo acadêmico que não proporciona uma ampla criticidade de forma acessível, desligando-se de categorias de exploração e opressão centrais para a apreensão da realidade social como as relações sociais de classe e de raça/etnia.

O ponto mais importante reside na acentuação do fato de que as relações entre os homens e as mulheres constituem uma relação social. O gênero diz mais das categorias, da categorização do sexo que, para mim, é o resultado da relação, uma das modalidades pelas quais a relação social entre os sexos se exprime, mas não toda a relação (DEVREUX, 2005, p. 562).

Questionando a completude do conceito de gênero, surge o conceito de relações sociais de sexo, fundamentado em alguns argumentos: a) nem sempre as

relações de gênero representaram uma hierarquia de opressão à mulher, vide as experiências de sociedades matriarcais ao longo da história da humanidade; b) não há como discutir-se opressão da mulher fora de um contexto patriarcal, estrutura social fundada anteriormente ao capitalismo, desta forma faria sentido o debate em torno de relações patriarcais de gênero; c) o conceito de gênero foi apropriado por setores conservadores/reformistas não comprometidos com uma transformação social eliminadora de todas as opressões, fazendo-o perder seu caráter revolucionário em si mesmo. Por esses motivos, autoras passam a considerar o conceito de gênero insuficiente para um aprofundamento acerca da totalidade das relações nas quais as mulheres estão inseridas nesta sociabilidade (LIMA, 2018).

Abordando o conceito feminista francófono de relações sociais de sexo, entende-se que ele corresponde diretamente à perspectiva de análise teórico-política marxista (Cisne, 2014) que se empreende neste artigo. Nesse sentido, assume-se que gênero também possui classe, idade, raça, etnia, orientação sexual, e não apenas sexo. É preciso tornar nítida a necessidade de que essas singularidades sejam reconhecidas, pois “[...] estas dimensões são estruturantes e indispensáveis para a compreensão da classe trabalhadora e da dinâmica de exploração que o capitalismo imprime sobre as mulheres e negros(as)” (CISNE, 2014, p. 29). Dessa forma, chega-se à compreensão de que

gênero e relações sociais de sexo são distintos, embora, muitas vezes, encontremos textos que os tratam como sinônimos. Para entendermos o segundo é fundamental que se localize sua origem e seu significado. Advindo da escola feminista francesa, na língua original é chamado *rapporssociaux de sexe*. Observemos que na língua francesa esse conceito não é denominado *relationssociales de sexe*. Expliquemos melhor. No francês existem duas palavras para uma única tradução no português: relações. *Rapport* designa relações mais amplas, estruturais, enquanto *relations* diz respeito às relações mais pessoais, individuais, cotidianas. O conceito de *rapporssociaux de sexe* é diretamente fundamentado no de relações sociais de classe. Uma relação [*rapport*] social está vinculada aos conflitos e tensões entre os grupos sociais com interesses antagônicos. Portanto, atravessa todo o tecido do campo social e dos fenômenos daí decorrentes (CISNE, 2014, p.135-136).

De acordo com Cisne (2014), a discussão sobre relação social de sexo surge no início da década de 1980, vinculada à análise da divisão sexual do trabalho (Cisne, 2014), esta imperiosa ao feminismo classista marxista, tendo em vista a centralidade do trabalho como elemento fundante da sociabilidade. Portanto, as relações sociais de sexo referem-se às relações sociais expandidas, atravessada por hierarquias, antagonismos e conflitos. Logo, esse conceito

nomeia os sujeitos, uma vez que designa a confrontação entre as consideradas categorias de homens e mulheres, que envolvem conflitos e antagonismo de ordem estrutural, ainda que também refletem nas relações (relations) pessoais. [...] a utilização do conceito de rapports sociaux de sexe, além de sublinhar a dimensão antagônica das classes, assegura o não esquecimento da centralidade do trabalho para os estudos feministas (Cisne, 2014, p. 54).

Aqui, pode-se refletir: quem são as mulheres que vêm sendo brutalmente prejudicadas em suas existências neste modo de produção capitalista? Por que os ataques ultraconservadores voltam-se à liberdade das mulheres e às condições materiais de reprodução de suas vidas? Quando as mulheres pobres e pretas tornaram-se alvo de extermínio por parte do Estado? Estas e outras reflexões não serão encerradas neste trabalho, mas não podem sair do horizonte do pensamento científico crítico e comprometido com a transformação real da condição de desigualdade entre homens e mulheres.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS MULHERES TRABALHADORAS VÃO À LUTA!**

Como as relações de produção poderiam explicar as hierarquias de sexo/gênero? Enquanto o fato de ser mulher garantir a precariedade de inserção no mercado de trabalho, potencializando a exploração capitalista, essa hierarquia será mantida e perdurará enquanto existir esse modo de produção. Posto que as mulheres de classes subalternas sempre trabalharam e contribuíram para o sustento de suas famílias, bem como para a criação de riqueza social, a força de trabalho feminina não é dispensável à acumulação do capital. O capitalismo, desde a sua origem, realiza-se em condições adversas à mulher, ancorado na subvalorização da mulher oriunda da noção de supremacia masculina anterior à instauração deste modo de produção.

Há que se buscar unidade nas questões que nos assolam enquanto mulheres, sem invisibilizar as condições reais de opressão ou diminuir a imprescindibilidade do debate sobre a forma com que a opressão machista se direciona a cada grupo de mulheres constituído ao longo do movimento histórico da humanidade. É indispensável que se reconheça que há uma hierarquia (de caráter estrutural) entre as mulheres de classe burguesa e as mulheres de classe trabalhadora, que vai posicionar essas mulheres em lugares distintos na organização patriarcal e exigir historicamente o cumprimento de papéis de subordinação adequados à sua condição de classe e de raça.

## REFERÊNCIAS

LIMA, Rita de Lourdes de. A Questão das Relações Sociais de Gênero em Marx e Engels: contribuições do pensamento marxista para entender a opressão das mulheres. In: BOSCHETTI, Ivanete; BEHRING, Elaine; LIMA, Rita de Lourdes de (Orgs.). *Marxismo, política social e direitos*. São Paulo: Cortez, 2018.

CISNE, Mirla. Relações sociais de sexo, “raça”/etnia e classe: uma análise feminista-materialista. *Temporalis*, Brasília, n.14, p.133-149, jul./dez 2014.

\_\_\_\_\_. *Feminismo e consciência de classe no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2014.

\_\_\_\_\_. SANTOS, Silvana Mara Morais dos. *Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 2018.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI (org.). *A Prática Feminista e o Conceito de Gênero. Textos Didáticos*. São Paulo: IFCH/Unicamp, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

\_\_\_\_\_. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.